

“César é oposição a Fernando Henrique”

Carlo Wrede



CRISTIANO ROMERO E DANIELA KRESCH

— Por que o senhor desistiu da candidatura à reeleição?

— O presidente Fernando Henrique Cardoso não pode ficar sem palanque no Rio. Este palanque está assegurado com o Luiz Paulo Correa da Rocha. E eu vou poder articular — um papel ao qual não renuncio — muito melhor os pleitos do candidato a governador e à presidência da República. Agora vou falar pelos cotovelos! Quero discutir desemprego, seca. Quero discutir tudo o que é, aparentemente, um gancho para as oposições.

— Mas o palanque do César Maia também não será do presidente?

— Se o do César também vai ser eu não sei. A decisão é do PFL. Mas no palanque do PSDB ninguém vai falar do presidente como o César já está fazendo. Imagina se eu faço um acordo com o PFL e deixo a campanha do presidente nas mãos do César, que, se uma pesquisa disser que ele deve xingar o presidente, ele xinga? Ele é louco! Ele faz advertências ao presidente, discorda, e é uma discordância de oposição, não técnica. É de conveniência política.

— Como assim?

— Ele julga que aqui no Rio não pode ficar com imagem de situação. Ele quer ser um pouquinho do Jânio, do Carlos Lacerda, da Margaret Thatcher.

— O senhor não ajudaria mais o presidente sendo candidato?

— Ajudo muito mais despido dos condicionamentos impostos pela lei eleitoral. O processo de reeleição é novo no Brasil. Há problemas. O Brasil tem mais de 5 mil municípios. Fazer com que assimilem essa nova cultura é difícil, mas dar o mesmo tratamento aos governadores e aos prefeitos das grandes cidades não me parece correto. A taxa de influência de um prefeito do Rio ou de São Paulo é muito menor. Se eu não posso usar o carro oficial para ir a atos políticos, então, quais são os atos a que eu posso ir sem que isso signifique campanha? Inspecionar uma obra? Ir ao Nordeste ver a seca? O presidente mal começou e já tem três processos.

— Sua desistência não abre espaço para César Maia?

— Ilusão dele. O espaço que ele tem que ocupar será o dele. O espaço que é meu será meu. Entreguei ao César Maia uma cidade pacificada, inteligente, a ponto de ele me comparar a Pereira Passos (prefeito no início do século) e me dar um beijo comovido e choroso na hora da transmissão do cargo.

— Há alguma pesquisa que mostre as chances do Luiz Paulo?

— Nenhuma. O Duda (Mendonça, publicitário) considerava certo que eu fosse para o segundo turno. O Luiz Pau-

lo, não. Ele pode começar com uns 4%, como começa o Vladimir, por causa da falta do conhecimento do seu nome. O problema é fazê-lo conhecido. Hoje é notório que os homens de marketing podem difundir a imagem de um homem como o Luiz Paulo, que tem uma porção de aparas para se segurar na criação de uma imagem desejada pelo povo. Um cara que faz as coisas, é trabalhador, honesto e não tem uma vida política atritante.

— O senhor quer fazer do Luiz Paulo um Luiz Paulo Conde?

— Sim. Por que não? Com a diferença de que esse não é só um técnico. O outro (Conde) era arquiteto na iniciativa privada. Esse (Correa da Rocha) foi engenheiro público a vida inteira. É um tocador de obras.

— O senhor tentou uma aliança com o PFL?

— Recebi a visita do Bornhausen (Jorge, presidente do PFL) há uns 30 dias. Ele esteve fazendo uns esforços muito intensos junto a mim no sentido de uma aliança nossa com o PFL. Demonstrei que não tenho nenhuma aversão às alianças. A verdade é que o César Maia é uma pessoa extremamente difícil. O PSDB é um partido que não pode ser despojado a não ser por um pleito propriamente dito. Não pode ser despojado da sua situação de força política hegemônica no Rio por uma concessão, uma capitulação,

aceitando a indicação de um nome. Cheguei a propor a minha saída e a dele. As duas. Claro que aceito uma composição. Isso eu conversei. Agora, o Bornhausen não colocou a questão César Maia. Quem a colocou fui eu. Ele coloca a necessidade de o PFL, o PPB e o PSDB caminharem juntos no plano nacional, mas eu antecipei minha decisão para, como dizem os campistas (naturais de Campos, interior do estado), não ficar dando milho a bode. Cansei de tudo isso. Eu até prejudiquei meu filho (Marco Aurélio) ao não me desincompatibilizar. Eu disse: “Não é bom nem para tua história nem para a minha, meu filho. Então vais para o sacrifício”. E ele foi.

— Há quanto tempo o senhor vinha pensando em renunciar?

— Venho ruminando há algum tempo. Andei considerando toda a conjuntura, os efeitos e até os adversários. A gente tem também pudor. Depois de tantas lutas, atingir os níveis de compreensão política que atingi, ter que enfrentar esses dois (Anthony Garotinho e César Maia) ... Eu me sinto diminuído, sinceramente. Os dois foram meus companheiros de partido. A primeira candidatura do Garotinho, em que saiu pancadaria, fui eu que, a pedido do partido, sustentei. Ele era muito restritivo ao Brizola. Eram quase inimigos e eu os conciliava.

Depois de surpreender seus correligionários com a repentina renúncia à candidatura à reeleição, o governador Marcello Alencar (PSDB) diz que fez isso para ajudar outra reeleição: a do presidente Fernando Henrique Cardoso. Na sexta-feira à noite, Marcello tentou, em vão, comunicar a decisão ao presidente. Já era tarde e Fernando Henrique dormia no Palácio da Alvorada.

Para mostrar que a decisão era irremediável, o governador só voltou a falar com o presidente na manhã de sábado, depois de anunciar oficialmente à imprensa a desistência ao pleito deste ano. Nesta entrevista ao JORNAL DO BRASIL, Marcello diz que, se fizesse uma aliança com o PFL no Rio, estaria entregando ao seu arquirrival político — o ex-prefeito César Maia, candidato pefelista ao governo estadual — o palanque de Fernando Henrique no estado.

O risco desse acordo estaria no fato de que, usando em sua campanha bandeiras da oposição, como o levado desemprego e as altas taxas de juros, César Maia ameaçaria os planos do presi-

dente à reeleição. “O César Maia é louco! O comportamento dele é o de opositor a Fernando Henrique. Ele quer ser um pouquinho do Jânio Quadros, do Carlos Lacerda e da Margaret Thatcher”, afirmou.

Calejado pelos 45 anos de política e 73 de vida, o governador disse encontrar na estatura de seus adversários — César Maia e Anthony Garotinho, candidato do PDT — razões para não participar do pleito. “Depois de tantas lutas, ter que enfrentar esses dois... Eu me sinto diminuído”, disse.

Irritado com a suposta articulação do deputado Ronaldo Cezar Coelho (PSDB) em torno de uma aliança com o PFL de César Maia, Marcello Alencar não só desautorizou o tucano como o classificou de “amador”. Reiterou ainda que o candidato do partido no Rio é o vice-governador Luiz Paulo Correa da Rocha, de quem quer fazer, sem cerimônia, um novo Luiz Paulo Conde (PFL), arquiteto, afilhado político de César Maia, que saiu do anonimato e ganhou a prefeitura do Rio em 1996.

— O deputado Ronaldo Cezar Coelho está articulando uma chapa PSDB-PFL-PPB.

— Um amador como o Ronaldo acha que está fazendo até o bem, mas está fazendo o mal. Não há dúvida: o candidato do PSDB, irrevogável, irretirável, hoje, é o Luiz Paulo Correa da Rocha. Não tem mais conversa.

— O senhor desautoriza o Ronaldo?

— Desautorizo completamente a articulação dele. Não tem minha outorga nem a do presidente. Ele não é o articulador do partido no Rio. Isso quem sabe fazer, modéstia à parte, sou eu. Bem ou mal, as hierarquias prevalecem.

— O que o senhor pretende fazer a partir de agora?

— Gostaria de contribuir no quadro nacional e nas relações internacionais, no sentido de usar toda a experiência que eu tive. Fui do gabinete do doutor Getúlio, fui senador da República, fui para a cadeia, já fui cassado, uma porção de coisas. Já morei fora do país.

— O senhor gostaria de ser embaixador?

— Posso ser tudo, menos presidente da República. Já passei da idade. Se pudesse, se visse uma perspectiva de subir uma escada, teria ficado nessa esperança. Mas, aos 73 anos, faço outro governo e depois quero ser presidente... E aí não dá mais. Nem tomando essa pílula americana (Viagra, contra a impotência).